

ENTRE O PARAÍSO E O INFERNO: OS SONHOS N' A DEMANDA DO SANTO GRAAL

*Adriana Maria de Souza Zierer**

RESUMO

O objetivo do artigo é apresentar os espaços do além-túmulo – Paraíso, Inferno e Purgatório – n' A Demanda do Santo Graal. Esta novela de cavalaria foi produzida no século XIII, período de cristianização e prosificação da Matéria da Bretanha e, por este motivo, tem por finalidade divulgar ideais da Igreja Católica para a sociedade. Neste sentido, os sonhos, atribuídos a religiosos e a cavaleiros, apresentam elementos do pós-morte e procuram indicar condutas corretas para que os indivíduos atingissem o Paraíso. Por isso, serão analisados elementos desses espaços na visão/sonho de dois religiosos e do cavaleiro Lancelot.

PALAVRAS-CHAVE: *A Demanda do Santo Graal. Inferno. Paraíso. Sonhos.*

O objetivo deste artigo é apresentar os espaços do Além através de uma fonte literária que nos auxilia a compreender o imaginário medieval. Para Pesavento, o imaginário pode ser entendido como um “sistema de imagens e ideias de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram, dando um sentido para si e para o mundo” (PESAVENTO, 2004, p. 43). Esse imaginário é construído e deve ser lido historicamente. Schmitt conceituou o imaginário medieval de uma forma bem simples, declarando que ele é um meio de comunicação dos homens entre si, com Deus e com o invisível.¹

* Docente da Universidade Estadual do Maranhão (Uema). Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Email: medievalzierer@terra.com.br.

¹ Conferência “Idade Média Ontem e Hoje/Iconografia Medieval” proferida na Universidade Federal Fluminense em 1997.

A História do Imaginário é uma releitura do conceito de mentalidade e ultrapassa alguns de seus pressupostos iniciais. De acordo com Hervé Martin (1994), a mentalidade está relacionada com a ideologia e a ideologia cavaleiresca pode ser estudada por meio de romances, canções e poemas. Le Goff afirma que o imaginário possui ligações com o simbólico e o ideológico, e concorda com Martin sobre o fato de o imaginário ter como fontes privilegiadas as literárias e artísticas (LE GOFF, 1994, p. 11-12).

A Demanda do Santo Graal (DSG) nos oferece várias possibilidades de interpretação sobre os cavaleiros, a religiosidade medieval, o papel do rei e das mulheres na sociedade, entre outros aspectos. O olhar aqui incide para a composição dos espaços do além-túmulo na narrativa. Esses espaços são muitas vezes explicados através de sonhos.

A Demanda do Santo Graal é uma novela de cavalaria anônima do século XIII, composta em um período de prosificação e cristianização da Matéria da Bretanha. Faz parte de um conjunto de romances anônimos conhecidos como Ciclo do Lancelot-Graal.² O manuscrito foi traduzido do francês para o português em meados do século XIII, quando essas narrativas foram cristianizadas com o propósito de valorizar os ideais cristãos e incuti-los na sociedade. Alguns personagens e eventos possuem caráter ambíguo, devido ao fundo céltico da narrativa.

Nesta narrativa arturiana, o objetivo central é encontrar o Santo Vaso, o Graal que continha o sangue de Cristo recolhido por José de Arimatéia e que representa, também, o cálice do qual Jesus bebeu, na Última Ceia. Logo após o objeto sagrado aparecer na corte, nutrindo os cavaleiros de forma material e espiritual, ele desaparece, devido aos pecados do rei e da maior parte dos seus 150 cavaleiros.

O Graal está associado a um elemento do maravilhoso pagão, que é o caldeirão de abundância celta, cujo conteúdo nunca se esgotava, por mais que dele se retirassem alimentos. Com a cristianização deste recipiente, iniciada por Chrétien de Troyes na obra *Perceval* ou *Li Contes du Graal* (c. 1181-1185), este

² *A Demanda do Santo Graal* é parte de um ciclo de cinco livros, a chamada *Vulgata* da Matéria da Bretanha (1215-1230) ou ciclo do Pseudo-Boron, composto por: *L'Estoire du Saint Graal*, *L'Estoire de Merlin*, *Le Livre de Lancelot du Lac*, *La Queste del Saint Graal* e *La Mort d'Arthur*. A versão que chegou a Portugal, por volta de 1250, é a segunda prosificação do ciclo da chamada *Post-Vulgata* (1230-1240), inspirada na *Vulgata*, mas com algumas diferenças, e que contém também elementos de outros ciclos, como o do *Tristan en Prose*. A *Post-Vulgata* é composta por três livros, inclusive com a fusão de *A Demanda do Santo Graal* e a *Morte do Rei Artur*, versão utilizada neste trabalho. Alguns autores defendem que a *Vulgata* também circulou na Península Ibérica.

passa a ter ligações com a hóstia e com a salvação.³ Em *A Demanda*, somente o cavaleiro puro e sem pecados, Galaaz, o filho de Lancelot, é quem pode resgatá-lo e ter dele as mais altas revelações.

Ele consegue atingi-lo na companhia de Persival e Boorz e mais nove eleitos, em analogia aos doze apóstolos de Cristo. Galaaz cura o Rei Pescador e, depois, por ter uma visão mais profunda do Santo Vaso, ascende ao Céu junto com os anjos.

Pode-se afirmar que o Graal constituiu-se num elemento do Paraíso. A jornada dos cavaleiros e sua demanda, por terra e por mar, representa uma espécie de busca ao Paraíso Terrestre e a conclusão deste feito ocorre em Sarras, no Oriente, assim como o Reino Celeste também está associado a Jerusalém, local de nascimento de Cristo, igualmente situado no Oriente. A ascensão do Graal e de Galaaz ao Céu representa a culminância da santificação do eleito e sua partida rumo ao Paraíso.

Mas como são caracterizados os espaços do Além na narrativa? É importante destacar que a presença de Deus e do Diabo é constante no romance. Deus protege os eleitos, impedindo que cometam más ações ou sofram injustiças, o que não ocorre com os não-escolhidos.

N' *A Demanda*, os espaços do Além são explicados, principalmente, através de sonhos. Destes irei me ater às representações do Paraíso, Inferno e Purgatório. No período medieval havia grande preocupação com a religiosidade e o ser humano, segundo o pensamento cristão, era visto como um *homo viator* neste mundo, sendo mais importante a sua vida depois da morte, a qual seria determinada pelas ações feitas no plano terreno.

Acreditava-se que depois da existência terrena viria o Inferno ou o Paraíso, o que só seria determinado a partir do Juízo Final. Inicialmente os cristãos pensavam que, antes da Parusia (a segunda vinda de Cristo para julgar a humanidade), os bons mortos ficariam no seio de Abraão, onde repousariam até o Juízo Final, quando Cristo viria para fazer o seu último julgamento da humanidade e a Jerusalém Celeste seria implantada na terra.

Gradativamente, no medievo, se criou a ideia de que um primeiro julgamento individual seria feito logo depois da morte, quando a alma deixava o corpo, ideia que andava lado a lado com a de um último julgamento coletivo

³ Nesta obra, o Graal é comparado com uma hóstia, único alimento consumido pelo pai do Rei Pescador (CHRÉTIEN DE TROYES, 1992, p. 111). Também está associado à lança que sangra, cujo significado ficamos sabendo nas continuações da narrativa de Chrétien: era a lança de Longino que feriu o flanco de Jesus (ZIERER, 2011, p. 78-80).

no fim dos tempos. Até o século XV, o Além medieval vai ser composto por cinco lugares. Além dos três mais conhecidos (Paraíso, Inferno e Purgatório), havia ainda o limbo dos patriarcas e o limbo das crianças que morreram antes do batismo (BASCHET, 2006, p. 394-408).

O Paraíso, enquanto espaço do além-túmulo, possui elementos do Paraíso Terrestre, o Éden, onde viveram Adão e Eva. Caracteriza-se por um local com vegetação abundante, árvores frutíferas, harmonia entre humanos e animais e a fonte da água da vida. Um aspecto diferente do Paraíso Celeste é que, além das características edênicas, este local é caracterizado como uma cidade com muros. Segundo o Apocalipse de S. João: “Aquele que falava comigo tinha como medida uma cana de ouro para medir a cidade, seus portões e sua muralha. A cidade é quadrangular: seu comprimento é igual à largura” (Ap 21, 15). Em volta dela, havia pedras preciosas (Ap 21, 18-20).⁴ Nas Imagens 1 e 2, podem ser observadas algumas representações do Paraíso:

Imagem 1 - Detalhe de O Jardim das Delícias Terrenas (1504), de Hieronymus Bosch



Fonte: Museu do Prado, Madrid. In: <http://www.wga.hu/frames-e.html?/html/b/bosch/index.html>. Acesso em 10/01/2013.

⁴ Todas as citações bíblicas foram extraídas de: BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 1985.

Imagem 2 - Detalhe do Paraíso em **O Juízo Final** (1432-1435) de Fra Angelico

Fonte: Museu de São Marcos. Florença. In: <http://www.wga.hu/frames-e.html?/html/a/angelico/index.html>. Acesso em 10/01/2013.

No detalhe da Imagem 1, de Bosch, é possível observar elementos do Paraíso Terrestre, como a criação de Adão e Eva, que estão próximos de Cristo, a presença da fonte da água da vida, a harmonia entre humanos e animais e a vegetação abundante. Já na Imagem 2 – o Paraíso Celeste segundo a visão de Fra Angélico – existe harmonia entre os indivíduos, que estão em forma de círculo, de mãos dadas, com as cabeças com auréolas, símbolos de pureza, numa vegetação edênica. Mas, ao fundo da imagem, dois anjos ingressam no Paraíso propriamente dito, de onde sai uma luz, e que se caracteriza como uma construção com muros e, portanto, associada a uma cidade.

Já o Inferno, palavra que em latim significa inferior (*infernus*), é o local de castigo eterno para os que cometeram pecados mortais e não se arrependeram de suas faltas. Configura-se como a morada de Lúcifer e de outros demônios, que castigam os pecadores continuamente, por toda a eternidade, conforme pode ser visto a seguir, nos detalhe da Imagem 3, também do Juízo Final de Fra Angelico. Os pecadores estão sendo torturados em diversos níveis de penalidades, de acordo com suas faltas e, no último nível, está a figura do Diabo – escuro, peludo e animalizado – que devora as almas.

Imagem 3 - Detalhe do Inferno de O Juízo Final (1432-1435), de Fra Angelico.



Fonte: Museu de S. Marcos, Florença. In: <http://www.wga.hu/frames-e.html?/html/a/angelico/index.html>. Acesso em 10/01/2013.

Esse *locus* era caracterizado por trevas, fogo, montanhas, pontes estreitas, lagos gelados e fétidos. Daí o papel fundamental da Igreja para conscientizar os fiéis e envidar meios para afastá-los da danação eterna.

Havia também um terceiro espaço no Além, o Purgatório, lugar de purgação dos pecados veniais (leves), que surge nos discursos clericais, entre meados do século XII e o século XIII, e que está associado a modificações na sociedade medieval, como o revigoramento das cidades e a preocupação de alguns grupos, como os usurários, com a possibilidade de salvação. O Purgatório também representa uma aproximação entre o mundo dos vivos e dos mortos, na medida em que os vivos poderiam fazer ações para diminuir o tempo dos mortos nesse local de sofrimento, por meio de doações feitas pela alma do defunto e missas que eram mandadas rezar por sua alma.

Acreditava-se que poucos eram capazes de ir diretamente ao Paraíso depois da morte. Essa é a condição especial dos santos, isto é, aqueles que não haviam cometido pecados capitais (avareza, gula, luxúria, orgulho, ira, inveja e preguiça) e que fossem imbuídos das virtudes teológicas (fé, esperança e

caridade) e cardeais (justiça, prudência, fortaleza e temperança). Para a maioria dos humanos, restava um período no Purgatório, e para aqueles que tivessem morrido em pecado mortal e sem se arrependem de suas faltas terrenas, o Inferno. Também havia o medo de que, no último momento, o cristão pudesse ser tentado e arrebatado pelo Diabo. Por isso, era considerada importante a preparação para uma “boa morte” através da confissão e absolvição dos pecados por parte de um clérigo (LE GOFF, 2003, p. 263).

No intuito de evangelizar os fiéis, membros do clero compuseram relatos sobre viagens imaginárias, com o objetivo de explicar as corretas características do Além e fornecer modelos de comportamento para que os indivíduos atingissem o Paraíso. Por exemplo, no relato da *Visão de Túndalo* (c. 1149) um cavaleiro pecador sofre uma “morte aparente” e realiza uma jornada aos espaços do outro mundo, acompanhado por um anjo. *A Demanda do Santo Graal*, por seu profundo caráter cristão, também visava mostrar como são esses espaços. Antes de me deter nos sonhos e visões que explicam a geografia simbólica do Além, é necessário tratar de alguns personagens da narrativa.

CAVALEIROS ELEITOS E PECADORES NA *DEMANDA*

Galaaz

É um personagem criado a partir da prosificação da Matéria da Bretanha, no século XIII. Cavaleiro puro e sem pecados, está destinado a ser o protagonista na ação da busca do Graal. Tem como contradição o fato de ser filho ilegítimo de Lancelot, concebido por meio de encantamento. É fruto da relação entre aquele cavaleiro e a filha do Guardiã do Graal, o Rei Pescador. Na *Demanda*, sua mãe é conhecida como Amina.

Apesar de ser bastardo, o cavaleiro é o predestinado a encontrar o Graal. Passa toda a *Demanda* a jejuar, rezar e se confessar com os eremitas que encontra no caminho e obtém sucesso em um episódio de tentação feminina: uma jovem de 15 anos, filha do rei Brutus, de quem Galaaz era hóspede, aparece em seu quarto no meio da noite, visando um enlace amoroso, e é rechaçada pelo jovem.

Galaaz usa uma estamenha (túnica de lã com farpas) como forma de mortificar o corpo. Possui analogias com Cristo, pois cura uma leprosa que veste a sua estamenha (DSG, 1995, p. 307), faz um paralítico andar (DSG, 1995, p. 454-455) e exorciza o demônio que se alojara num homem (DSG, 1995, p. 301).

Também recebe na *Demanda* objetos a ele dedicados, como o escudo branco da cruz vermelha, em analogia às ordens militares (como os templários) e aos Cruzados, e a espada da estranha cinta, que só podia ser desembainhada por ele. É Galaaz também quem cura as feridas do rei Pescador. Representa o oposto simbólico de seu pai, Lancelot, e, após uma visão profunda do Graal, ascende aos céus com este objeto e os anjos.

Persival

O personagem aparece pela primeira vez como protagonista na narrativa intitulada *Persival* ou *Li Conte du Graal*, de Chrétien de Troyes. No entanto, com a prosificação da Matéria da Bretanha, é ultrapassado em importância por um personagem ainda mais puro do que ele, seu companheiro Galaaz. Persival continua a ter destaque, mas passa a ser o segundo cavaleiro em ordem de importância. Sua pureza é enfatizada na visão do ermitão e também na cura de Lancelot. Porém, uma vez aparecerá diante dele uma mulher, que o levará a sentir desejo carnal.

Ao contrário de Galaaz, ele quase incorre no pecado da luxúria, sendo impedido de cometê-la por auxílio divino. Uma voz aparece do Céu e ele cai desmaiado. Quando acorda, descobre que a dama era, na verdade, o Diabo disfarçado, para enganá-lo e metê-lo em pecado mortal (DSG, 1995, p. 202).

As ações de Persival junto ao eremita arrependido e ao pecador Lancelot, revalorizam as características de pureza deste cavaleiro. Depois de ver o Santo Graal em Sarras, ele se torna ermitão por cerca de um ano antes de morrer, um indício de sua santidade.

Lancelot

O personagem de Lancelot é, ao mesmo tempo, complementar e oposto a Galaaz, o que denota a sua ambivalência na *Demanda*. Em outras narrativas, ele era o “melhor cavaleiro do mundo”⁵ (CHRÉTIEN DE TROYES, 1991, p. 194). Porém, como *A Demanda do Santo Graal* condena as relações amorosas dos cavaleiros fora do casamento, e em especial o amor cortês, Lancelot é o tempo todo criticado no relato pela sua relação amorosa ilícita com Genevra.

Os sonhos tidos pelo cavaleiro revelam a sua luta entre o amor cortês e o desejo de se manter fiel ao rei Artur. Esta dualidade e arrependimento

⁵ “Ele venceu e sobrepujou todos os cavaleiros do mundo. A ele ninguém pode se comparar!” (CHRÉTIEN DE TROYES, 1991, p. 194).

pelas ações pecaminosas serão um elemento de toda a narrativa. Lancelot só consegue se afastar totalmente do amor pela rainha no momento em que ela falece. Ele, então, se torna ermitão e pode expiar o seu pecado, abrindo o caminho para a sua salvação.

O EREMITA E A VISÃO DO PURGATÓRIO

É importante sublinhar a importância dos religiosos, em geral, n' *A Demanda do Santo Graal*. Eles são considerados homens santos por terem se afastado dos prazeres mundanos, por viver uma vida simples, de provações, jejuns e orações. Os cavaleiros realizam as ações e os eremitas são os que podem interpretar os sonhos. Eles são, essencialmente, os “detentores do sentido” no relato, pois explicam diversas situações e fazem previsões (TODOROV, 2006, p. 170).

Num ponto da jornada, Persival encontra um eremita que pede-lhe para que o abençoe. O jovem, num primeiro momento, recusa, por não ser homem da Igreja, e o religioso lhe explica por que fazia tal pedido. O eremita tem uma visão ou aparição. Na Idade Média, os sonhos e visões estão relacionados a Deus ou ao Diabo, podendo ter tanto a função de esclarecer, sendo revelações divinas, como a de levar as pessoas a fazer o mal, inclusive contra si próprias.

O eremita conta ao jovem que tinha a idade de 120 anos. Ele fora cavaleiro de Uterpendragon (pai de Artur) e do rei Artur e entrara para a vida religiosa em virtude de um pecado que cometera. O seu irmão havia abandonado este mundo (o século) por amor a ele e se tornado ermitão por 29 anos. Havia morrido havia dois anos e o idoso eremita não esperava outra coisa senão “que a alma se lhe partisse do corpo, que logo nom fosse ante a face de Deus com gram companha de anjos e de arcângeos” (*DSG*, 1995, p. 148). Portanto, o religioso tinha a firme certeza, devido à vida de provações e orações enfrentadas por ele e por seu irmão, que este último, após a morte, teria ido direto ao Paraíso, sem passar pelo Purgatório.

Segundo esse religioso, fazia algum tempo que lhe aparecera um cavaleiro para fazer penitência por haver matado dois filhos. Ele tivera desconfiança com relação a este homem, não acreditando na veracidade do seu propósito de expiar os pecados: “nom me pareceu que de bõõ coração sofria a pendença” (penitência) (*DSG*, 1995, p. 148). Inclusive acreditava que esse companheiro

voltaria ao mundo terreno, o século, para pecar. O novo religioso ficou com o eremita por treze meses e, antes de morrer, pediu para ser abençoado, prometendo ao idoso eremita que apareceria a ele para contar sobre o irmão.

Até aqui é possível perceber vários elementos do maravilhoso. A própria idade do eremita (120 anos) e, também, a ligação entre o mundo dos vivos e dos mortos, pois um religioso afirma que voltaria para contar a outro como seria o espaço do além túmulo. Após três dias, estando diante do altar, o idoso eremita teve uma visão do companheiro morto. Aqui estamos diante de uma aparição e não de um sonho, na medida em que a ação transcorre enquanto ele estava acordado. No período medieval havia muitas vezes desconfiança com relação às aparições, que poderiam ser inspiradas pelo demônio. O homem aparece e lhe conta que havia visto o irmão do eremita no Purgatório: “teu irmão jaz em na pena e na ardua do purgatório, e jará ainda i três anos, ante que cime sua pendenza” (DSG, 1995, p. 149). O irmão do velho ermitão, considerado por este como um santo, teria, pois, ficado no Purgatório por um espaço de cinco anos.

Já o homem que havia falecido recentemente e que ficara como ermitão somente por um ano, afirmou que já estava no Paraíso: “ca tam toste me parti deste mundo, logo se me a alma foi pera a lidice do paraíso” (DSG, 1995, p. 149). Ele anuncia que o idoso eremita morreria em dezessete dias e prevê, também, a chegada de Persival ao eremitério. Logo após essa aparição o velho eremita se revoltou contra Deus, ouviu a voz do Diabo e preparou uma corda para se enforcar (DSG, 1995, p. 149). Neste momento chega Persival ao local e, quando se persigna, o ser do mal vai embora. Logo depois, o eremita pede a bênção a Persival, que, após ouvir toda a narrativa, o abençoa.

O ermitão faz várias previsões sobre a Demanda: que Persival atingiria o seu objetivo, juntamente com Galaaz e Boorz, e que não voltaria à Távola Redonda, mas morreria após encontrar o Santo Vaso, junto com Galaaz. Também profetiza que Persival não veria mais seu irmão Agroval, o qual tinha sido assassinado por um dos membros da Távola Redonda, cujo nome prefere não dizer.

O eremita volta ao bom caminho com o auxílio do jovem eleito e se arrepende dos planos de suicídio. Há que se questionar se a sua visão foi algo enviado efetivamente pelo Diabo. Alguns indícios dela são tomados como verdadeiros, como a chegada de Persival e o fato de que o velho eremita morreria em dezessete dias, tal como é dito na aparição.

É importante analisar aspectos do episódio segundo a visão do romance. Em primeiro lugar, o fato de que o demônio poderia atacar um homem puro como um eremita, o qual, mesmo depois de cerca de trinta anos em penitência, poderia duvidar da fé e se revoltar contra Deus, correndo o risco de ir para o Inferno. Em segundo lugar, a menção aos lugares do Além, sendo o Purgatório um lugar de “ardura”, isto é, de fogo, local intermediário, onde aqueles que tivessem pecados veniais ingressariam. Por fim, o arrependimento do velho eremita, suscitado pela vinda do cavaleiro eleito, que o impede de cometer uma má ação: o suicídio. É possível perceber neste religioso o dom da profecia quanto ao futuro de Persival. Ele sabe que este cavaleiro atingirá o Graal e que morrerá depois de cumprida esta tarefa.

PARAÍSO VERSUS INFERNO: OS SONHOS DE LANCELOT

Os sonhos de Lancelot estão diretamente relacionados ao pecado da luxúria com Genevra e com as possibilidades de resgate de sua própria alma. Dois desses sonhos servem como advertência e como meio para que se arrependesse de seus pecados e assumisse uma vida voltada para o correto cumprimento das obrigações cristãs, no intuito de salvação da alma.

É importante relembrar que, segundo o pensamento cristão, as ações corporais influenciam os lugares para onde as almas iriam após a morte. Assim, aqueles que tivessem uma vida de privações e fossem voltados ao cristianismo seriam abençoados na outra vida, mas aqueles que estivessem ligados a satisfações corporais, sofreriam as dores do Inferno. Daí o fato de Galaaz, o cavaleiro eleito, ter sempre alimentação frugal, vida simples e voltada para orações e combates na defesa do cristianismo, chegando mesmo a converter um muçulmano, o “bom cavaleiro pagão”, Palamades.

A Demanda enfatiza a religiosidade e as normas que homens e mulheres deveriam seguir para atingir o Paraíso na outra vida. Os eremitas são os únicos a poder interpretar os sonhos dos cavaleiros e exercem papel de destaque na narrativa, seja através do exemplo de ascetismo (eles oram e jejuam continuamente), seja através do alto grau de espiritualidade que lhes é atribuído no relato.

Lancelot é um excelente combatente dentro do modelo do cavaleiro cortês. É corajoso, valente, honrado, educado, fiel ao amor pela dama escolhida. Mas, segundo a ótica cristã, por relacionar-se com uma mulher casada, suas

atitudes devem ser criticadas. Como conciliar a sua destreza guerreira, muito louvada, com os seus pecados?

A função dos sonhos de Lancelot é justamente auxiliar o cavaleiro a refletir sobre as suas ações, apontar os seus erros e tentar fazer com que ele se corrigisse. Esta correção será realizada na narrativa por meio alegórico, através das imagens dos sonhos e seu simbolismo, como também através do castigo físico, no momento em que, num desses sonhos, o sofrimento durante o sono vira realidade. No intuito de instruí-lo a um comportamento correto, de acordo com os preceitos cristãos, várias personagens, tanto pecadoras quanto santas, conversarão com ele nos sonhos.

No sonho ele se comunica com membros de sua linhagem, além dos seus pais, seres eleitos, no Paraíso, e com pecadores, como, por exemplo, Morgana, Genevra, Isolda, Tristão, entre outros. Os episódios referentes ao sonho de Lancelot parecem ter a mesma função dos relatos sobre viagens imaginárias ao Além, que são conhecidos como *visões*. A falta de Lancelot é a luxúria, causada pelo amor que tem pela esposa de seu senhor, o que o leva a cometer a felonía, a traição ao seu rei e suserano.

Sonho 1 de Lancelot (parte 1): o rio de vermes como provação dos justos no caminho da salvação

A narrativa é intitulada Da Visam que viu Lancelot [201], o que mostra a forte ligação entre visão e sonho no medievo. Primeiro, um homem vê eleitos indo para o Paraíso, mas não consegue se integrar a eles. O primeiro limite é um rio com cobras, vermes e água envenenada. Ele olhava o rio “e nom ousava i entrar” (DSG, 1995, p. 158), mas logo sai dali um cavaleiro com coroa de ouro na cabeça e cercado de estrelas, o que mostra que conseguiu vencer a prova. A seguir outros saem do rio, todos coroados, até formarem sete. A existência de indivíduos coroados no Paraíso é um elemento do Apocalipse de S. João e é igualmente retratado no Muro de Ouro, na *Visão de Tíndalo*.

Já o rio, em várias culturas, é um obstáculo que separa este mundo do Além. Na greco-romana, por exemplo, os mortos devem ter debaixo de sua língua uma moeda como pagamento ao barqueiro Caronte, que os conduziria ao Hades, numa embarcação, também através de um rio. Outros limites são representados por portais e pontes, como a Bifroest, da cultura germânica, que separa o mundo dos deuses daquele dos humanos.

Na primeira parte do sonho de Lancelot, o meio fluvial é claramente um obstáculo que diferencia os eleitos dos demais, sendo os membros da linhagem de Lancelot vitoriosos como provam as coroas de ouro com as quais aparecem após sair daquele local. No entanto, um homem, “pobre e mal aventurado”, não consegue acompanhar os outros e pede que orem por sua alma.

Aqui temos uma oposição entre os sete homens coroados e um “magro e cativo, pobre e lasso” (DSG, 1995, p. 158) que vai na direção dos outros e é rechaçado por eles. A palavra pobre, relacionada à pobreza de espírito e à falta da proteção divina, aparece três vezes neste trecho.

Depois, sai do rio um oitavo homem coroados, a quem os anjos faziam mais festa que aos outros, o que mostra uma hierarquização nos espaços do Além, tanto entre os eleitos quanto entre os pecadores. Segundo o pensamento medieval, amparado numa passagem do profeta Ezequiel, os eleitos ao Paraíso eram divididos em virgens, continentes e casados. Na *Visão de Túndalo*, os pecadores sofrem de acordo com a gravidade do pecado e o Paraíso está dividido em três muros: o de prata, aos casados que não cometeram adultério; o de ouro, aos defensores da fé cristã, em especial, aos monges; e o de pedras preciosas, a melhor parte do Paraíso, destinado às virgens, anjos e santos (ZIERER, 2003, p. 157-159).

A descrição da *Demanda* também segue este ponto de vista, ao mostrar que havia um eleito mais festejado pelos anjos, pois era “mais formoso e valia mais pera semelhar que todos os outros” (DSG, 1995, p. 158). Os oito eleitos louvam a Deus e são conduzidos pelos entes divinos ao Céu.

O maltrapilho, representando Lancelot, fica só. Grita, pedindo aos salvos que intercedam por ele: “Ai senhores, do vosso linhagem som e leixades-me pobre e tam cativo? Por Deus, quando fordes a casa da lidice, membrade-vos de mim e rogade ao Alto Meestre por mim, que lhe nom esqueça eu” (DSG, 1995, p. 159).

No entanto, destacando um aspecto importante sobre a justiça divina, seus parentes lembram que ele não merecerá “galardom se nom segundo o teu trabalho” (DSG, 1995, p. 159). Aqui vemos enfatizada a advertência de que as ações humanas na vida terrestre determinam o local para onde as almas iriam após a morte.

O ser celestial lhe explica que o recebimento era de acordo com a justiça divina, o que enfatizava a necessidade de uma postura correta dos cristãos

nesta vida. Portanto, os membros da linhagem de Lancelot têm o mesmo papel nas narrativas: lembram ao pecador que, se não modificasse as suas ações no mundo terreno, padeceria e não atingiria o Paraíso.

O século XII é caracterizado pela afirmação da Igreja Católica como instituição, logo após a Reforma Gregoriana, com a proibição da interferência dos leigos na instituição e, ao mesmo tempo, a moralização do clero, mediante a interdição da simonia (venda de cargos religiosos) e a exigência do celibato obrigatório a todos os seus membros. É também um momento de desenvolvimento do sentimento de livre arbítrio, considerado fundamental na salvação dos indivíduos.

Ao mesmo tempo, ao afirmar a necessidade de intercessão dos clérigos no contato com Deus, houve uma tendência cada vez maior de reforçar os tormentos do Inferno e as características do Diabo, cada vez mais animalizado e ameaçador nas descrições e imagens. O século XIII, período de confecção de *A Demanda do Santo Graal* torna ainda mais importante o papel do livre arbítrio na salvação. A partir do IV Concílio de Latrão (1215) é instituída a obrigatoriedade da comunhão e confissão anual dos pecados.

Assim, a primeira parte do sonho de Lancelot procura adverti-lo com relação ao Inferno. Como parte do processo educativo, o cavaleiro conhecerá os elementos deste espaço com mais detalhes na continuidade do sono, passando para um segundo estágio.

Sonho 1 de Lancelot (parte 2): Morgana, Genevra e Lancelot no Inferno

Buscando o convencimento do pecador, a segunda parte do seu sonho (Da outra visam que viu Lancelot) [202] explicita com detalhes a geografia do Além e os tormentos aos danados. Ali estão duas mulheres que ele conhece bem: Morgana, a irmã do rei Artur, e a sua amada Genevra. Ambas sofrem horríveis torturas e Lancelot penará também. Dentre os tormentos do Inferno está o fogo, por seu caráter purificador e punitivo, que faz as almas sentirem os tormentos como que corporalmente.

Ele vê primeiro Morgana/Morgaim “mui fea e mui espantosa, assi que bem lhe semelhava que entam saira do Inferno” (*DSG*, 1995, p. 159). Ela está associada ao demoníaco uma vez que se cobria mal com uma “pele de lobo”, gemia doloridamente como se estivesse ferida e colocavam as mãos nela “mais de mil diabos”. Os pecadores se lamentam no local e perguntam por que mereciam tais penas. É Morgana/Morgaim quem entrega Lancelot aos diabos:

E Lançarot, que estas vozes tam dooridas ouvia foi tam espantado que cuidava a morrer de medo e rogava aqueles que o levavam que o leixassem ir, mas eles nom querriam, ante o levavam a ãa covã muito escura e mui negra e chea de fogo que maravilha era (*DSG*, 1995, p. 159).

O Inferno é caracterizado, nas representações iconográficas, como um espaço onde as almas caem e de onde não podem sair. Na Imagem 3, anteriormente reportada, as cores são escuras e vemos a presença de demônios animalizados, associados aos orifícios abertos como a boca, a garganta, o ânus (BASCHET, 1985, p. 192-193). O Inferno comporta a presença do fogo e de torturas, muitas delas associadas ao ato de cozinhar (observe-se a presença de pessoas dentro de um caldeirão) e de comer. No último nível do Inferno de Fra Angelico, o demônio mastiga os condenados.

Já o Paraíso era representado como um local organizado e fechado, daí a própria palavra Paraíso, que significa “jardim cercado”. No Apocalipse de S. João, este local é descrito como possuindo muros. Como pode ser visualizado na Imagem 2, de Fra Angélico, os anjos, envoltos em luz, dirigem-se para a entrada da Jerusalém Celeste, espaço também com muros.

Lancelot, em seu sonho, vê Genevra queimando e com a língua fora da boca. Mais uma vez, enfatiza-se a relação entre o espaço infernal e a boca, espaço onde fica a situada a língua:

E em meo daquele fogo ãa cadeira em que siia a rainha Genevra toda nua e suas mãos ante seu peito; e siia descabelada e havia a língua tirada fora da boca e ardia-lhe tão claramente como se fosse ãa grossa candeia (*DSG*, 1995, p. 160).

Os gritos da rainha, segundo a narrativa, pareciam ser ouvidos por todo o mundo. A nudez, tanto de Morgana (mal coberta por uma pele de lobo), quanto de Genevra, está claramente associada à luxúria, assim como a punição de queimar a língua, órgão no interior da boca ligado à sexualidade. No entanto, dando prova da fidelidade do amor cortês, Genevra desejava suportar sozinha as penas do Inferno, o que representa auto sacrifício e desejo de sofrer pelo amado:

Ai, Lançarot! Tam mau foi o dia em que vos eu conhoci! Taes sam os galardões do vosso amor! Vos me ve havedes metuda em esta grande coita em que veedes; e eu vos meterei em tam grande ou em maior [...], nom querria que aveese assi a vós, ante querria que aveesse a mim, se Deus aprouvesse (*DSG*, 1995, p. 160).

Apesar de adúltera, suas ações estão ligadas aos sentimentos e ao verdadeiro amor. Nessa segunda parte do sonho, Lancelot passa por um estágio no qual não somente vê as condenadas, como Genevra e Morgana, como também sente as dores no ambiente infernal, além de ver a sua amada enfrentar tormentos e dizer que gostaria de padecê-los sozinha para poupá-lo do que iria enfrentar. Depois disso, o cavaleiro tem uma terceira visão, com os seus pais, no Paraíso, como mais uma tentativa para que se arrependesse e se corrigisse das más ações.

Sonho 1 de Lancelot (parte 3): encontro com os pais no Paraíso

Na terceira parte do sonho ele se vê numa horta, onde estão pessoas alegres e bem vestidas. A descrição do espaço tem traços edênicos que possuem pontos de contato com a Imagem 4.

Imagem 4. Detalhe do **Paraíso Terrestre** (1500-1504), de Hieronymus Bosch.



Fonte: Palazzo Ducale, Veneza. Web Gallery of Art (wga)/ Panels in the Palazzo Ducale, Venice/ Terrestrial Paradise. Disponível em: <http://www.wga.hu/frames-e.html?/html/b/bosch/index.html>. Acesso em 20/01/2013

No quadro de Bosch, os eleitos estão na companhia de anjos, num ambiente harmonioso, o Paraíso Terrestre, e dirigem o olhar para cima, em direção ao Paraíso Celeste. Há ainda outro elemento edênico da Bíblia retratado na pintura: a fonte com a água da vida, que aparece como elemento

de purificação. Esta fonte também aparece na Imagem 1, junto às imagens de Cristo, Adão e Eva.

A descrição do local onde Lancelot encontra os pais corresponde ao Paraíso (uma “horta”). Também o estado de espírito dos habitantes do local, marcado pela felicidade, reforça as características presentes nas Imagens 1, 2 e 4. Ali Lancelot vê inicialmente o rei Ban, seu pai, que lhe adverte contra o Inferno:

Si, tu foste meu filho. Pesa-me ende, ca tu és tal que leixaste o Salvador do mundo e mim que era teu padre e foste-te meter em poder e em serviço do demo e do seu laço. [...] tua seeda está na casa do Inferno com a rainha Genevra, que te adusse aa morte perdurável, tu e ela, se vos antes nom leixasses o pecado que até aqui mantevestes contra Deus e com a Santa Egreja (*DSG*, 1995, p. 160).

O pai se mostra decepcionado com as atitudes do filho, mostra que ele não poderia entrar no Paraíso e que seria castigado na “morte perdurável”, caso não abandonasse a luxúria com a rainha, além de salientar que Lancelot agia contra Deus e a Igreja Católica. Após essa advertência do genitor, que demonstra tristeza pelo afastamento do filho dos preceitos cristãos, a sua mãe, a rainha Helena, igualmente reforça os conselhos paternos, afirmando que, apesar das suas qualidades, o filho havia seguido o demônio e por isso toda a linhagem seria desonrada, a não ser que abandonasse suas faltas.

“Estas maravilhas viu Lançarot em seus sonhos” (*DSG*, 1995, p. 161). Em lágrimas ele fazia grande lamentação, o que mostra o efeito do sonho sobre a realidade. Depois que teve essa “visam”, ele despertou “tam lasso e tam cansado como se saísse de ãa batalha” (*DSG*, 1995, p. 161), o verdadeiro embate da sua alma, na luta entre a danação ou a salvação, conforme lhe aconselharam os oito membros da sua linhagem e também os seus pais. O papel da família no convencimento ao cavaleiro parece aqui muito importante.

Ao abrir os olhos, Lancelot vê Persival, que ficara preocupado com o seu sono. Lancelot afirma que viu “as maiores maravilhas que nunca cavaleiro em sonho viu” (*DSG*, 1995, p. 161) e que valiam mais que todos os dias de sua vida. Persival afirma que Deus deu o sonho a Lancelot para “emendar” a vida e o tirar de algum “pecado mortal” (*DSG*, 1995, p. 163). Os dois cavaleiros encontram um eremita e jejuam. O amante da rainha Genevra passa o dia sem comer e, quando dorme, tem outro sonho com o Inferno.

Sonho 2 de Lancelot: o cavaleiro pecador e a concretude do Inferno

Esta parte é intitulada Como Lancelot viu outra visom [207]. Ele vê, inicialmente, Ivã, o bastardo, disforme, feio, que ardia com uma vela grossa por todos os lados. Atrás dele vinha uma mulher coroada triste e chorosa, Catenance, rainha da Irlanda. Depois dela, outra rainha, Isolda/Iseu, seguida por Tristão, que gritava e fazia a maior lamentação “que de todas as partes era cercado de fogo” (*DSG*, 1995, p. 165).

Isolda se dirige a Lancelot, advertindo-o: “Vai, Lançarot! Tal é o gualardom dos meus amores. Outro tal ou pior podes tu aver, se te nom quitas da folia que fazes com a rainha Genevra” (*DSG*, 1995, p. 165). Lancelot diz no sonho que aquele fogo era “encantamento” e Isolda, para provar a veracidade das dores infernais, afirma: “Este nom é encantamento [...] ante é trabalho e fogo do Inferno, e tu saberás como queima, pois nom te queres castigar de teu pecado” (*DSG*, 1995, p. 165).

A seguir ela enfia o dedo na perna dele. Lancelot acorda gritando e pede auxílio ao companheiro: “Ai Persival, amigo boo. Socorre-me que mouro da mais coitada morte que nunca homem morreu”. O cavaleiro coloca a mão sobre a perna do amigo e o milagre é realizado com a ajuda divina: Lancelot é curado da dor e sua coxa para de queimar.

É interessante apontar que é uma mulher em estado de danação quem efetua o castigo, agindo como uma espécie de auxiliar dos demônios, mostrando a corporeidade das punições infernais e, ao mesmo tempo, sendo um instrumento do divino, no sentido de levar o pecador ao arrependimento. No sonho 1 é também uma condenada, Morgana, quem entrega Lancelot para ser levado ao Inferno. Todas essas “visões” mostram a necessidade de correção e penitência do cavaleiro.

Além dos danados e eleitos, que fizeram advertências durante os sonhos, Persival pede que Lancelot se confesse, se arrependa e que não volte ao erro. O primeiro recebe uma carta de Deus e a guarda. No dia seguinte, como efeito e lembrança do sonho, a perna estava preta, doía e exalava mau cheiro. Eles leem a carta, acompanhados da presença do ermitão, e uma clara oposição se estabelece entre os dois companheiros da Távola Redonda, segundo as características de ambos na carta divina, como pode se observar no Quadro 1:

Quadro 1 – Características do cavaleiro eleito (Persival) e do cavaleiro pecador (Lancelot) na carta do Nosso Senhor

Lancelot/Pecador	Persival/Eleito
Vil pessoa	Limpa vida/guarda a carne
Mau cavaleiro	Cavaleiro da Santa Igreja
Filho das trevas	Nunca tocado pelo fogo da luxúria
Perjuro e desleal	Honrado

A perna queimada é um elemento importante na conscientização de Lancelot sobre suas faltas. Ao cavaleiro são atribuídos vários qualificativos negativos, como “vil”, “mau”, “pousada das trevas do demo”, “perjuro e desleal contra seu rei” (DSG, 1995, p. 167), em virtude de não conseguir se arrepender de sua ligação com a rainha Genevra.

O amor cortês, tão louvado em outras narrativas, é combatido sem cessar em *A Demanda do Santo Graal*. A carta de Deus enfatiza, mais uma vez, que “ou tu leixarás tua maa vida, ou te eu farei jazer em grande door com Iseu e com Tristam que merecerom estar perdudos pera sempre se nom leixam seu pecado” (DSG, 1995, p. 167).

Já Persival é, neste episódio, o representante de Deus e exemplo de bom combatente por manter a castidade e ser honrado, motivo pelo qual consegue curar Lancelot. Tal como Galaaz que cura leprosos e endemoniados, Persival, também virgem, como aquele, cura um pecador.

Vimos que os eleitos vivos, como Persival e o ermitão, dão conselhos, assim como os membros da linhagem de Bam e os pais de Lancelot. Mas os conselhos e advertências sobre os perigos da outra vida não são vistos como suficientes para convencer os maus cristãos de que não devem realizar faltas; daí muitos relatos mencionarem, detalhadamente, os castigos do Inferno, apelando para uma espécie de “cristianismo do medo”, onde os fieis buscavam um bom comportamento, mais pelo terror das torturas infernais que pelo desejo do Paraíso.

Persival e Lancelot partem quando o primeiro fica curado e depois se separam. Este último se encontra com ermitãos e promete não voltar ao amor proibido. O ermitão lhe entrega uma estamemha e ele passa a usá-la, tal como seu filho Galaaz, que era puro e casto. Mas a fonte antecipa que Lancelot voltará a cometer luxúria com a rainha.

Apesar de sabermos disso, o que enfatiza a dificuldade de manter o caminho da salvação proposto pelos clérigos, Lancelot passa por todo um processo de reeducação, no qual reza continuamente e pede a Deus que o perdoasse e que não voltasse aos antigos erros. Ele sofre fome, sede, seu cavalo é morto. Mesmo assim, continua a rezar, a pedir ajuda de Deus. Depois é aprisionado por Morgana, que descobre os amores dele com Genevra, em virtude das pinturas que Lancelot realiza nas paredes.

Mais tarde, Lancelot encontra a embarcação com o corpo da irmã de Persival morta. A jovem possuía grande religiosidade e o navegar com o seu corpo na barca é um elemento de purgação positivo. Ele roga a Deus que o deixasse encontrar Galaaz antes que a demanda acabasse. Encontra também o seu avô, Galegantim, que havia se tornado ermitão por um pecado cometido. Este afirma que sempre quisera encontrá-lo (*DSG*, 1995, p. 379-380), mas também afirma a tristeza pelas más ações do neto.

Depois, Lancelot passa uma longa temporada com Galaaz e os dois circulam, na embarcação, por diversas ilhas. Depois que o filho se vai, Lancelot continua na barca, enfrentando muitas aventuras, e continuando o seu caminho em busca da salvação. A nau o deixa em Corberic, mas Lancelot falha no acesso ao Graal. É impedido de se aproximar do objeto sagrado e fica muito doente ao tentar entrar na sala do Santo Vaso (*DSG*, 1995, p. 400-401). Demora vinte e cinco dias para se curar, representando os anos que estivera em pecado com a rainha.

Fazendo parte da história tradicional, ao reencontrar Genevra, a chama do amor é reacesa e voltam a cair em tentação. Eles são descobertos pelo rei Artur, que entra em guerra com a linhagem de Lancelot. Um arcebispo, parente da rainha, exige que a guerra cesse e que Artur receba a esposa de volta.

Mais tarde, Artur luta contra o Império Romano e o seu sobrinho (na verdade, filho ilegítimo com a sua irmã) usurpa o trono, ocorrendo logo depois o combate mortal entre ambos. Genevra, com medo dos filhos de Morderete, ingressa num mosteiro; porém devido à inadaptação à dura vida do local, a rainha logo adoece e morre. Ela pede que seu coração seja retirado e entregue a Lancelot como prova de amor.

Somente a partir da morte da rainha é que o cavaleiro consegue cessar os seus erros. A partir daí, se torna ermitão, realizando grande trabalho em jejuar, fazer preces e orações (*DSG*, 1995, p. 503). No quinto ano, fica doente.

O sonho do Arcebispo com Lancelot no Paraíso

Blioberis e o arcebispo dormiam. O primeiro se assustou e acordou o arcebispo, por medo de que ele estivesse sonhando com o demônio. O arcebispo ria dormindo e havia sonhado que Lancelot estava em grande companhia de anjos, em grande alegria e em grande festa. Os dois vão verificar se o cavaleiro estava morto e ao ver que a alma daquele havia deixado o corpo, o religioso afirma: “Ai Deus, beeito sejades vós! Ora sei eu verdadeiramente que aquela gram festa que os anjos faziam que era com na alma deste. Ora posso eu bem dizer que pendenza val sobre todas cousas do mundo” (DSG, 1995, p. 504).

De acordo com o sonho deste religioso, devido ao arrependimento de Lancelot efetuado nos anos em que se tornou ermitão, o cavaleiro passou de pecador a eleito e conseguiu atingir o Paraíso graças às suas “pendenças” (penitências).

CONCLUSÃO

A partir dos sonhos de Lancelot e da aparição tida pelo velho ermitão encontrado por Persival é possível perceber n' *A Demanda do Santo Graal* uma orientação para os cavaleiros que buscavam a salvação. Na narrativa, sonhos e visões estão relacionados aos três espaços do Além: Paraíso, Purgatório e Inferno. É interessante observar a importância dos eremitas no relato, que dão conselhos aos cavaleiros sobre como devem agir para encontrar o Graal, que é uma manifestação do divino e do Paraíso na terra.

O fato de um homem santo, como um eremita, duvidar de Deus e ser quase levado ao suicídio pela tentação demoníaca, enfatiza como todos deveriam estar zelosos com relação à salvação por meio de uma conduta pautada nos conselhos dos clérigos: rezar, jejuar, ir à missa, fazer doações, entre outras ações, seriam a garantia.

O episódio da tentação do eremita salvo do suicídio por Persival reforça a importância deste cavaleiro como um dos três principais a encontrar o Santo Graal. O papel de Persival também é enfatizado no contato e auxílio a Lancelot, o pai de Galaaz.

Lancelot tem vários sonhos sobre o Além, nos quais vê Genevra no Inferno, bem como Morgana, Tristão e Isolda. Como ele não consegue abdicar do amor cortês, uma adúltera irá puni-lo, trazendo o sonho para a realidade. Ela coloca o dedo na coxa dele e ele acorda com a dor da queimadura. O puro

Persival conseguirá curar o cavaleiro pecador, mais uma vez enfatizando a sua própria pureza, em contraposição à impureza do amor carnal.

Apesar dos sonhos relacionados ao Inferno e Paraíso, Lancelot terá dificuldades de se apartar do amor de Genevra. Ele se arrepende, mas, depois, volta a cometer o pecado com a rainha. Após a morte dela, o cavaleiro se torna ermitão e começa finalmente o seu processo em busca da salvação.

A ida de Galaaz à Jerusalém Celeste, em ascensão ao Céu junto com o Graal, era já uma coisa certa, uma vez que ele era o eleito de Deus para o cumprimento de uma determinada missão. Outros cavaleiros, como Persival e Boorz, seus companheiros, e mesmo Lancelot, conseguem a santidade depois de várias provações. Lancelot, no sonho tido pelo arcebispo também consegue chegar ao Paraíso, o que prova, segundo a ótica da *Demanda*, que, mesmo os pecadores, por meio de penitências, do arrependimento e do sofrimento, poderiam alcançar a salvação.

BETWEEN HEAVEN AND HELL: THE DREAMS IN THE QUEST FOR THE HOLY GRAIL

ABSTRACT

The goal of this paper is to present the spaces of Beyond: Heaven, Hell and Purgatory in The Quest for the Holy Grail. This novel of chivalry was produced in the thirteenth century, a period of passage of Matter of Britain from poetry to prose and of Christianization of the narrative. Thus, The Quest aims to disseminate the ideals of the Catholic Church to society. In this sense, the dreams, taken by religious and the knights have elements of postmortem and try to indicate correct behavior for individuals to reach Paradise. Therefore, elements of these spaces will be analyzed in vision/ dream of two religious and the knight Lancelot.

KEYWORDS: *Dreams. Heaven. Hell. The Quest for the Holy Grail.*

REFERÊNCIAS

A DEMANDA do Santo Graal (DSG). Edição de I. F. Nunes. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1995.

BASCHE, J. **A civilização feudal**. São Paulo: Globo, 2006.

_____. La conception de l'Enfer en France au XIVe siècle: imaginaire et pouvoir. **Annales. Économies, Sociétés, Civilisations**. 40^e année, n. 1, p. 185-207, 1985.

CHRÉTIEN DE TROYES. **Perceval ou O Romance do Graal**. Tradução de R. Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. Lancelot ou o Cavaleiro da Charrete. In: **Romances da Távola Redonda**. Tradução de R. Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 119-197.

LE GOFF, J. Além. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J.-C. (Coord.) **Dicionário temático do Ocidente medieval**. v. I. São Paulo: Imprensa Oficial; Bauru: Edusc, 2006. p. 21-34.

_____. **O imaginário medieval**. Lisboa: Estampa, 1994.

_____. Os limbos. **Signum**, v. 5, p. 257-289, 2003.

_____. **O nascimento do Purgatório**. Lisboa: Estampa, 1995.

TODOROV, T. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

ZIERER, A. M. S. Do caldeirão da abundância ao Santo Graal nas fontes medievais. In: ZIERER, A.; VIEIRA, A. L.; FEITOSA, M. M. (Org.) **História Antiga e Medieval – simbologias, influências e continuidades: cultura e poder**. São Luís: Ed. da Uema, 2012. p. 75-86.

_____. Paraíso *versus* Inferno: *A Visão de Tândalo* e a viagem medieval em busca da salvação da alma (Século XII). **Mirabilia**, v. 2, p. 137-162, 2003.